

Rede de sussurros



# Rede de sussurros

Chandler Baker

Tradução de Marina Vargas



Copyright © 2019 by Chandler Baker

TÍTULO ORIGINAL  
Whisper Network

PREPARAÇÃO  
Carolina Vaz

REVISÃO  
Giu Alonso  
Eduardo Carneiro  
Juliana Pitanga

DIAGRAMAÇÃO  
Carolina Araújo | Ilustrarte Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

B142r

Baker, Chandler  
Rede de sussurros / Chandler Baker ; tradução de Marina  
Vargas. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2019.  
384 p. ; 23 cm.

Tradução de: Whisper network  
ISBN 978-85-510-0528-6  
ISBN 978-85-510-0424-1 [ci]

1. Romance americano. I. Vargas, Marina. II. Título.

19-57083

CDD: 813  
CDU: 82-31(73)

---

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

[2019]  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 – Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

*Para todas as mulheres que compartilharam sua história comigo ou com o mundo, e para todas as mulheres que alimentaram a voz coletiva nestas páginas e um movimento que exige ser testemunhado: nós ouvimos vocês.*



## PRÓLOGO

Se vocês tivessem escutado a gente, nada disso teria acontecido.





## Relatos das testemunhas oculares

12 DE ABRIL

- Testemunha Ocular 1: Eu tinha acabado de sair do prédio quando vi um lampejo de... sei lá... alguma coisa, um movimento, acho, do outro lado da praça. A princípio, achei que fosse um pássaro enorme, depois um ataque terrorista. Mais uma fração de segundo e me dei conta de que era uma pessoa. Não dava para saber se era homem ou mulher. As pessoas neste distrito são todas muito antiquadas. Todo mundo usa terno. Tradicional. Calça e paletó pretos. Enfim, é uma queda e tanto lá de cima.
- Testemunha Ocular 2: Era mais ou menos uma e meia da tarde. Eu tinha acabado de almoçar com um cliente no Dakota. Quase vomitei a salada com bife.
- Testemunha Ocular 3: Não estou dizendo que não fiquei mal. Eu fiquei. Foi horrível. Mas tem que ser muito egoísta para fazer uma coisa dessas, sabe? Tinha gente na calçada. Foi logo depois da hora do almoço. Se você tem mesmo que fazer algo assim, se precisa fazer isso de verdade, então é melhor esperar um momento em que esteja sozinho, sem tanta gente em volta. É só o que eu acho.



# CAPÍTULO 1

Três semanas antes:  
O dia em que tudo começou

20 DE MARÇO

**A**ntes daquele dia, nossa vida se deslocava a toda velocidade em uma montanha-russa invisível, um carrinho preso aos trilhos por meio de engenharia e forças que não compreendíamos por completo, apesar de nossa superabundância de diplomas acadêmicos. Nós nos movíamos com uma sensação de caos controlado.

Éramos especialistas em marcas de xampu a seco. Levávamos quatro dias para assistir a um episódio completo de *The Bachelor*. Adormecíamos com o calor do laptop queimando as coxas. Fazíamos pausas de duas horas para ler historinhas para crianças e tentávamos não calcular o total de horas que passávamos trabalhando como mães e funcionárias, confusas em relação às prioridades. Éramos superqualificadas e subutilizadas, autoritárias e sempre donas da razão. O aperto de mão era firme e as faturas do cartão de crédito, robustas. Esquecíamos o almoço na bancada da cozinha.

Todo dia era igual. Até que tudo mudou. Na manhã em que o presidente de nossa empresa morreu, nos demos conta de que havia uma roda defeituosa na montanha-russa e que estávamos prestes a ser atiradas para fora dos trilhos.

Ardie Valdez, uma mulher paciente e estoica, com sapatos italianos confortáveis e bem-acabados, foi a primeira a ter um pressentimento de colisão iminente. Ela ouviu a notícia e decidiu se proteger.

— Grace? — Ela ficou parada no corredor, vazio a não ser por obras de arte de valor exorbitante, e bateu em uma porta de armário com um ímã de vaca colado na frente. — Sou eu, Ardie. Posso entrar?

Ela esperou, prestando atenção, até ouvir ruídos atrás da porta. A tranca exigida por lei se abriu.

Ardie entrou na salinha e voltou a trancar a porta. Grace já estava se acomodando novamente no sofá de couro, a blusa de seda enrolada acima dos dois cones de plástico acoplados a seus seios.

Ardie deu uma olhada na salinha. Um frigobar. O sofá surrado no qual Grace estava sentada. Um pequeno aparelho de televisão no qual passava *Ellen*. Do lado de fora, ouvia vozes, passos apressados, pessoas atendendo a telefonemas e fazendo cópias. Ela franziu a testa, aprovando o espaço.

— Este lugar parece um pequeno esconderijo.

Grace acionou a bombinha de tirar leite, dando início a seu zumbido mecânico e metódico.

— Ou uma pequena sepultura — disse ela, bem-humorada.

O senso de humor ácido de Grace sempre surpreendia Ardie. De fora, Grace parecia muito *descomplicada*. Tinha cabelos volumosos pintados de loiro, era membro ativo do clube de ex-alunas da fraternidade TriDelta e frequentava a Igreja Presbiteriana Preston Hollow com o marido, Liam, um homem alto e moreno que sempre usava camisa xadrez. Os dois estavam na lista privada de convidados da inauguração da biblioteca presidencial George W. Bush e se consideravam “conservadores solidários”, o que, na opinião de Ardie, queria dizer que eles eram a favor do casamento gay, mas preferiam pagar a menor quantidade possível de impostos. Além disso, havia pelo menos uma arma de fogo guardada num cofre em uma prateleira no closet de Grace, e o fato de Ardie gostar daquela mulher apesar de tudo isso era revelador.

— Quanto um bebê precisa comer, afinal? Eu fico *o dia todo* tirando leite. *Porra*, Ardie, olhe só para mim, estou assistindo a *Ellen* de manhã.

Grace não costumava dizer “porra”.

Ardie lembrou como os dias pareciam longos quando seu filho, Michael, dormia apenas algumas horas. Seu corpo inteiro parecia pesado e sujo, como se houvesse uma fina camada de fuligem na sua pele, como dentes não escovados.

Ela vasculhou a bolsa e tirou duas latas suadas de água com gás saborizada La Croix. Entregou uma a Grace e desabou no chão em frente

ao sofá. Ardie podia fazer coisas como se sentar no chão no trabalho porque — e ela era a primeira a admitir — tinha se rebelado. Fazia anos, na verdade. Dormia até mais tarde em vez de passar uma hora fazendo o cabelo e a maquiagem de manhã. Quase nunca comprova roupas. Não desperdiçava um minuto que fosse de seu precioso tempo no pilates. Era a coisa mais libertadora que já havia feito.

Ela deu uma olhada no celular. Nada *ainda*.

— Então — disse Ardie —, parece que o Bankole morreu. Em casa, hoje de manhã, enquanto se arrumava para o trabalho.

Ela deu a notícia sem rodeios. Ardie não sabia dar notícias de outra maneira. Era sempre *Minha mãe está com câncer* ou *Tony e eu vamos nos separar*.

— O quê? *Como?*

Grace largou os tubos que estava tentando reinserir nas engenhocas em formato de funil despontando do sutiã de amamentação.

— Teve um infarto. A esposa o encontrou no banheiro. — Ardie apoiou os cotovelos nos joelhos e encarou Grace. — Acabei de saber.

Ardie tinha encontrado com o presidente da empresa, Desmond Bankole, apenas uma vez. Cumprimentaram-se com um aperto de mão no elevador porque ele fazia questão de conhecer todas as pessoas que trabalhavam no prédio, incluindo a equipe de limpeza. Seus dentes eram muito brancos. Ele era mais baixo do que ela imaginava, com pulsos delicados aparecendo debaixo do paletó.

— Estou me escondendo, a propósito — revelou Ardie, e completou antes que Grace pudesse perguntar: — Do Ames. Ele não para de perguntar da Sloane. Eu disse que ela provavelmente saiu para comer alguma coisa. Ele disse que não a autorizou a sair para almoçar. Aí respondi que ela é a vice-presidente sênior de assuntos jurídicos na América do Norte, e que ela *não precisa* da autorização dele para almoçar e...

— Você disse isso mesmo? — Grace se endireitou.

Sloane era amiga das duas, mas tecnicamente também era sua chefe, o que fazia de Ames o chefe da chefe delas.

— É claro que não. Ficou maluca?

— Ah... — disse Grace, confusa.

Ela brincou com a cruzinha incrustada de diamantes que pendia de seu colar. O zumbido elétrico da bombinha de tirar leite contava o tempo entre elas.

— Então estou escondida aqui feito uma covarde — continuou Ardie. — Esperando Sloane retornar minha ligação.

Em geral, Ardie desagradava a homens como Ames. Ele detestava ter que falar com uma mulher para quem não gostava de olhar. Quando perguntou a Ardie onde Sloane estava, seus olhos não se fixaram nela, e ele se afastou o mais rápido que pôde. Ela não mencionou essa parte para Grace.

Ardie estremeceu. Era insuportável ignorar os seios de Grace naquela salinha minúscula.

— Essa máquina suga seus peitos com tanta força que às vezes eles ficam parecendo uns torpedos. Não dói?

O filho de Ardie, Michael, tinha sido adotado uns quatro anos antes, um final feliz após anos de luta contra a infertilidade. Ela nunca tinha amamentado, mas sempre imaginou um aleitamento tranquilo, cobiçou o contato pele com pele, uma echarpe tecida a mão cobrindo o colo das mulheres mais recatadas. Não aqueles puxões violentos que agora testemunhava.

— Não tanto quanto a boca da Emma Kate, para ser sincera.

(A amamentação deveria ser *indolor*, diziam. Amamentar era *lindo*, diziam. Bem, gostaríamos de arrastar os mamilos das pessoas que dizem isso no asfalto para mostrar como é realmente indolor e lindo.)

— A gente já inventou escovas de dentes elétricas, pelo amor de Deus — disse Ardie. — Meu robô aspirador volta para a base e desliga sozinho no fim da noite. É sério que não conseguimos inventar uma geringonça para tirar leite que funcione um pouco melhor do que *isso*?

A máquina era, de certa maneira, grotescamente hipnotizante.

— É que homens têm dentes para escovar. — Grace ergueu as sobrancelhas. — E chão para aspirar.

Ardie tomou um longo gole da água sabor *grapefruit* enquanto, na tela, Ellen DeGeneres recebia um jovem no palco. Ele parecia um adolescente, e Ardie não fazia a menor ideia de quem era. Ela tocou na tela do telefone: nenhuma novidade.

— Acabei de ter um pensamento assustador — disse Ardie, depois de um momento. — Ames pode ser o próximo presidente.

— Não. Você acha?

— Ele tem cara de presidente. É alto. Todo mundo gosta de gente alta. — Ela abriu e fechou o punho, alongando o túnel do carpo, que era uma ameaça constante a seu pulso. — Estou falando sério. Aquele desgraçado pode comandar a empresa, e então como a gente vai ficar?

O problema não eram apenas os boatos envolvendo uma estagiária. Ou o escândalo envolvendo sua secretária dois anos antes, durante o torneio de golfe Byron Nelson. (E adivinhe quem demitiram? Alerta de *spoiler*: não foi Ames.) Não era nem a ideia de que a cultura corporativa começava pelo topo e que ter Ames no comando da Truviv seria como anunciar o início da temporada de caça.

O problema era que Ames Garrett detestava Ardie.

— Sei lá — comentou Grace. — Ele sempre foi legal comigo.

Ardie deixou o assunto de lado. Grace era alguns anos mais nova do que ela e Sloane, e ainda acreditava que alguém podia ser uma “boa pessoa” apesar de suas ações, como se as ações de alguém não fossem justamente um indicativo de seu caráter. E Ardie já tinha visto Ames Garrett em ação.

Ainda assim, havia assuntos que não deviam ser discutidos, nem mesmo entre amigas: religião, dinheiro e, talvez, Ames.

Grace girou o botão da bombinha de leite para aumentar a intensidade. Um dos tubos se soltou e caiu no chão. Uma gota branca respingou na saia dela. Grace fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás, inflando as narinas. Quando os abriu, seus olhos estavam cheios de lágrimas. Ela esfregou o pulso no nariz e pegou o tubo errante com uma calma proposital. Errou o buraco duas vezes enquanto tentava reconectá-lo. A terceira tentativa foi bem-sucedida. Ela se sentou cuidadosamente no sofá.

— Toda essa história do Bankole é deprimente. — Ela manteve o olhar fixado na televisão. — É errado não estarmos mais tristes?

Ardie não respondeu, porque Grace parecia muito triste.

Checou o telefone mais uma vez. Apenas uma barrinha de sinal.

Onde estava Sloane?

## CAPÍTULO 2

20 DE MARÇO

Sloane estava olhando para o teto do elevador, desejando que ele subisse mais rápido, até o exato segundo em que as portas se abriram no décimo quinto andar e ela disparou como um cavalo de corrida.

— Estão todos na sala de reunião. — Sua secretária, Beatrice, se inclinou por cima da mesa, o fio do telefone esticado e o fone pressionado contra a orelha.

— Eu sei, Beatrice. Eu sei. — Sloane passou por ela apressada, atravessando o corredor. — E já estou completamente ferrada.

Só para constar, tudo estava indo às mil maravilhas até algumas horas antes, enquanto ela e o marido conversavam com o diretor da escola de sua filha de dez anos, Abigail. Ela havia guardado responsavelmente o telefone no aterro sanitário que era sua bolsa, pois era uma *boa* mãe, o que, naquele lugar, significava uma mãe *presente*. Ou pelo menos era esse o papel que ela pretendia desempenhar diante do diretor Clark.

E veja só o que tinha acontecido!

Ela pegou o celular depois da reunião e deu de cara com as mensagens de Ardie:

Desmond morreu hoje de manhã.

Infarto.

Ames está te procurando.

Ok, sério, cadê você??

Sloane??



Ela não teve tempo nem de se despedir do marido.

Finalmente, parou do lado de fora da sala de reunião, o coração tão acelerado que teve medo de também estar infartando. Infarto é a principal causa de morte entre mulheres com mais de quarenta anos! Tinha ouvido isso em algum lugar, talvez no *The View*. Ela girou a maçaneta.

Sete advogados no nível de diretor, ou mais alto, estavam sentados em torno da mesa. Ames, o diretor jurídico; Kunal, do setor de comunicação; Mark, que cuidava das contratações; Ardie, do financeiro; Philip, que cobria os riscos; Joe, dos litígios; e Grace, diretora de *compliance*. Havia também uma mulher mais jovem, que Sloane nunca tinha visto, com cabelo castanho cortado bem curto e bochechas rosadas como as da Branca de Neve. Todos os rostos se voltaram para Sloane quando ela entrou.

— Desculpem o atraso.

Ela se sentou na cadeira vazia ao lado de Ames. A mulher de cabelo curto sorriu educadamente para ela. Ames ergueu o olhar de uma pilha de papéis. Uma mecha branca percorria seu cabelo grosso e ondulado, predominantemente cor de café, a não ser pelos poucos fios grisalhos nas têmporas.

— Onde você estava?

— Eu estava... — Sloane hesitou por uma fração de segundo, pensando em como terminar a frase. (Todas nós fazíamos isso. Fosse em encontros ou no trabalho, conhecíamos o poder de fingir que nossos filhos não existiam. Um homem podia dizer que ia tirar o dia de folga para pescar com o filho, enquanto para uma mãe, em geral, era melhor esconder o fato de que tinha estendido a hora do almoço para levar a criança ao médico. Filhos transformavam os homens em heróis e as mulheres em funcionárias inferiores, se não fizéssemos tudo certo.) — Eu tive que dar uma saída rápida — terminou, dando um pigarro.

— Sem o celular?

Ames lambeu a ponta do dedo para ajudar a passar as páginas. As pessoas se remexeram, desconfortáveis, ao redor da mesa.

— Fiquei momentaneamente incomunicável, de fato — disse ela. — Sinal péssimo.

Aquela não era sua melhor desculpa.

Ames estalou a língua e moveu a bala de canela na boca.

Ela olhou para ele, contendo o desejo de encarar os sete pares de olhos que a observavam.

Então Ames piscou. Sempre o olho esquerdo. Um delicado pé de galinha se formando por um segundo. Ele era um dos únicos homens que ela conhecia que ainda recorria à piscadela. E conseguia o que queria, na verdade. A piscadela dizia ao mesmo tempo: *Está tudo bem* e *Sou eu quem manda aqui*.

Ele abriu as palmas para o restante dos presentes.

— Sloane Glover, pessoal — disse, como se estivesse recebendo uma comediante no palco. Sloane ficou irritada, mas seu rosto permaneceu plácido. Trabalhar com Ames era como se sentar ao lado de uma pessoa que não parava de chutar sua canela por debaixo da mesa. — Que bom que finalmente podemos começar. Vamos lá?

Todos fizeram acenos desajeitados com a cabeça. Ao lado dela, Philip empurrou discretamente o bloco de anotações e a caneta na direção dela. Sloane apoiou a mão no peito e expirou. *Obrigada*, articulou em silêncio, e Philip, cuja gravata estava sempre torta, apenas deu de ombros. Se ao menos todos os homens no escritório fossem mais parecidos com Philip...

— Imagino que a esta altura todos estejam cientes do lamentável falecimento de nosso presidente, Desmond Bankole — começou Ames. — A data do velório será anunciada nos próximos dias. Tenho certeza que muitos de vocês estarão presentes.

Enquanto Ames falava sobre os feitos de Bankole, Sloane descarregou furiosamente da caneta para o papel as ações que foi formulando enquanto voltava para o escritório.

Ames olhou para ela, que pousou a caneta.

— Vamos tentar ficar em sintonia aqui. — Ele juntou as mãos na mesa. — Pedi a Grace que começasse falando sobre as obrigações legais que a Truviv tem como empresa de capital aberto. Grace?

Grace endireitou a coluna. Sloane se perguntava com frequência se seu rosto passava pela mesma transformação quando *ela* precisava assumir uma postura de autoridade em algum assunto na empresa. Aos vinte e poucos anos, tinha certeza de que sim. Na época, ela se via vestindo uma máscara de confiança, abaixando a voz, eliminando os “tipo” da fala, firmando os joelhos, lembrando a si mesma que, sim, ela *era* quali-

ficada. As mudanças em Grace eram mais sutis. Em Grace, via o queixo erguido. Os ombros eretos. Como a maioria das mulheres, Sloane raramente notava essas pequenas traições da autoconfiança nos colegas do sexo masculino. Seria porque elas não aconteciam? Ou só não estávamos afinadas o suficiente para enxergá-las?

— Claro — disse Grace, e deu início a uma explicação que envolvia a Comissão de Valores Mobiliários, o formulário 8-K e a atualização do site da empresa. Na ausência inesperada de um presidente, a transparência, disse Grace, era fundamental. — Vou enviar um memorando explicando tudo isso — finalizou ela.

— E estamos preparando uma declaração. — Kunal estendeu o dedo, batucando a mesa para dar ênfase. — Até que esteja pronta, por favor, respondam a qualquer contato da imprensa dizendo que estamos muito consternados com a perda de Desmond, tanto pessoal quanto profissionalmente. — Seus grandes olhos castanhos observaram cada rosto na sala. — De jeito nenhum respondam “nada a declarar”. Acionistas *odeiam* a expressão “nada a declarar”. Entenderam? Vamos tentar finalizar a declaração até amanhã de manhã. Funciona para você, Sloane?

Sloane se recostou na cadeira.

— Parece viável — respondeu ela, decidida. Os homens podiam não se comprometer. Essa era considerada uma atitude cuidadosa. Se Sloane hesitasse, pareceria que ela não tinha a menor ideia do que estava fazendo. — Precisamos enfatizar o plano de sucessão da firma e analisar exemplos recentes de empresas que lidaram com a doença ou a morte de um presidente de maneira particularmente eficiente. Algumas me vêm à cabeça, como o Mc...

— Na verdade — interrompeu Ames, fazendo os dedos dos pés de Sloane se contraírem automaticamente —, acho que deveríamos analisar o caso do McDonald's. Eles passaram por uma situação similar. Dois presidentes morreram em um espaço de dois anos. O primeiro foi uma morte súbita. E o caso da Imation. Eu me concentraria nesses dois exemplos, Kunal.

Sloane engoliu a frustração. Àquela altura de sua carreira, ela já havia usado todas as respostas possíveis. Sua favorita era um educado “Inte-

ressante, é bem parecido com o que acabei de dizer”, com seu melhor sotaque sulista. Mas, depois de ouvir aquilo, ela disse apenas:

— Ótima ideia, Ames.

Ele esfregou as mãos, satisfeito.

— Muito bem, todos já sabemos o que é preciso fazer. A porta da minha sala está sempre aberta se precisarem de mim.

Eles se levantaram. Sloane recolheu a ponta da caneta com um clique. A parte interna do dedo médio direito estava salpicada de tinta. Ardie e Grace, que estavam sentadas diante dela, circundaram a mesa para passar a seu lado antes de saírem da sala.

— Sinto muito — sussurrou Ardie, enquanto balançava a cabeça lentamente.

Grace estreitou os lábios e segurou a mão de Sloane por alguns instantes. Sloane viu uma mancha úmida na frente da blusa de seda de Grace que ela soube, sem sombra de dúvida, que não ia sair. Era um desperdício usar qualquer peça de roupa de seda durante a amamentação. Ela precisava dizer isso a Grace.

— Katherine. — Ames ergueu um dedo, dirigindo-se à mulher desconhecida, que continuava na sala mesmo depois que todos já tinham ido embora. — Pode esperar aqui um momento? Só preciso entregar para Sloane o rascunho do comunicado que está na minha mesa. — Ele olhou para Sloane. — Você se importa de dar uma passada na minha sala?

Ao contrário do que Ames tinha dito, a porta da sala dele na verdade não ficava sempre aberta. Nem no sentido literal nem no figurado. Sloane o seguiu enquanto ele andava dois passos à sua frente pelo corredor estreito.

Ele abriu a porta da sala, e os dois entraram juntos no Santuário — uma parede coberta de fotos de Ames com atletas famosos. A Truviv, Inc. era a principal marca de roupas esportivas do mundo, patrocinadora de todos os grandes atletas do país. Em uma das fotos, lá estava ele jogando golfe com Tiger Woods. Em outra, sentado na lateral da quadra com Kevin Durant, que havia sofrido uma contusão. E — veja só! — outra foto espontânea jogando beisebol com Justin Verlander e a esposa, Kate

Upton. Se Ames tinha noção de que os homens e as mulheres imortalizados em sua parede talvez só fossem seus amigos porque a Truviv assinava grande parte dos seus cheques de patrocínio, ele não se importava. De qualquer maneira, Sloane considerava o Santuário o equivalente socialmente aceitável de uma foto do próprio pênis.

— Então... — disse ele, virando-se para se apoiar na mesa.

Ames já estava na casa dos quarenta anos, mas era o tipo de homem que ficava bem de terno cinza, cada vez mais bonito conforme envelhecia. Pelo menos isso era o que Sloane sabia objetivamente ser verdade, embora àquela altura tivesse dificuldade de reconhecer sua beleza. Havia se tornado mais um fato a respeito de Ames no qual ela não acreditava.

— O Desmond partiu. — Ele apertou os olhos com os polegares. — Por essa eu não esperava.

— Eu... Sim, é uma grande perda.

Sloane se permitiu avançar mais um passo para dentro da sala. Desde que recebera a notícia, era a primeira vez que pensava na morte do presidente no que diz respeito às condolências. Era terrível. Ele tinha filhos, dois, pelo que lembrava, pouco mais velhos que Abigail. Ela planejava processar a morte dele naquela noite junto ao marido, Derek, enquanto tomavam uma taça de vinho — o melhor *chardonnay* que tivessem na geladeira. Ela se lembraria de Desmond, com seu semblante alegre e atento, sentado na primeira cadeira do lado esquerdo da mesa de reunião, ouvindo enquanto ela fazia apresentações trimestrais para os executivos da empresa.

— Você se lembra de como ele sempre chamava você de srta. Sloane? — Ames cruzou os braços. Seus ombros se sacudiram com uma risada baixinha e bem-humorada. — Como se você fosse uma professora da pré-escola?

A lembrança provocou um breve sorriso.

— Nossa, lembro. Mas isso não me incomodava. Vindo dele.

— Ele gostava de você.

Ames se afastou e deu a volta na mesa, onde começou a digitar no teclado sem se dar ao trabalho de sentar na cadeira. Ela esperou, sem saber se precisava dirigir alguma atenção ao que quer que ele estivesse fazendo no computador.

— Desculpe a mudança de assunto, mas quem era aquela mulher? — perguntou Sloane. — Katherine, não era?

Ele abriu uma gaveta e pegou algumas balas de canela — uma fixação oral para conter o hábito de fumar.

— Katherine Bell. Vou apresentá-las. Acabei esquecendo no meio de tudo isso. Um segundo, por favor.

Ele digitou mais alguma coisa antes de olhar para Sloane novamente.

Sloane tinha a impressão de que às vezes Ames sofria de uma espécie de amnésia seletiva a respeito dos primeiros anos dos dois na empresa. Em alguns momentos, essa parecia ser a única coisa a respeito dela da qual ele se lembrava. Naquele dia, ele claramente estava inclinado a fingir que o passado não existia.

— É funcionária nova — disse ele. — Tem uma vasta experiência corporativa. Vai trabalhar no seu departamento. Tenho certeza de que vai considerá-la uma adição muito valiosa.

Sloane inclinou a cabeça na direção de Ames, como se não tivesse escutado direito.

— Meu departamento?

— Isso.

— E você não pensou em me consultar sobre contratar alguém novo para o *meu* departamento? — Sua voz soou aguda demais. *Estridente*, ele diria. — Eu sou a vice-presidente sênior desse departamento.

Fazia anos desde a última vez que Ames aprontara uma dessas com ela — anos! E Sloane quase pôs tudo a perder, todos aqueles meses mantendo a calma, lidando com Ames e suas merdas inacreditáveis, com um súbito rompante da mais pura raiva.

Ele se curvou a fim de olhar para a tela do computador.

— E eu sou o diretor jurídico. Quer dar uma olhada no meu currículo?

Sloane já podia se imaginar lembrando a conversa naquela noite, diante do espelho, enquanto escovava os dentes, desejando que tivesse sido diferente.

— Onde Katherine vai ficar? — Ela mudou o rumo da conversa.

— Achei que você pudesse se encarregar disso. Afinal — ele abriu um sorriso sedutor, e uma covinha surgiu em seu queixo —, você é a vice-presidente sênior.

— Certo.

Ela respirou fundo e compartimentalizou. Até porque eles não poderiam deixar uma advogada, mesmo uma que Sloane não havia solicitado, sem ter o que fazer na sala de reunião para sempre. Ela apoiou o bloco de anotações no antebraço e acrescentou *Arrumar uma sala para Katherine* à lista de providências, bem no topo. Que dia pouco auspicioso para começar. E ela parecia tão jovem, a pele tão *hidratada*! A palavra “ingênua” surgiu em sua mente, embora isso fosse ridículo. Ela devia ter pelo menos trinta anos, mais velha do que Sloane quando começou a trabalhar na empresa.

Sloane se virou para ir embora, esquecendo-se por um momento da razão que a levava até lá.

— Sloane. O rascunho. — Ames finalmente tinha decidido se sentar e estava clicando em algo que ela não conseguia ver porque a tela estava virada. Ele indicou com a cabeça o bloco de anotações em cima da mesa. — Eu fiz a primeira versão. Quero ver o comunicado antes de ser divulgado.

Sloane voltou a se aproximar da mesa. Havia uma tesoura aberta em cima do bloco de anotações. As lâminas prateadas formavam um X agressivo sobre as páginas amarelas. Ela sentiu privação de sono, pilhas de contas a abrir e raiva. Seus dedos pairaram sobre o metal frio. Às vezes, quando se via em lugares muito altos, Sloane tinha medo de ser tomada por um ímpeto de pular da beirada do prédio. Todas entendíamos essa sensação: como, em um estalar de dedos, Sloane — ou qualquer uma de nós — poderia pegar a tesoura e cravá-la no pescoço de Ames.

Ela pegou o bloco de anotações, a ponta dos dedos umedecendo as páginas devido ao suor.

— Eu mando o comunicado para você em uma hora — disse ela, a falsidade se insinuando na voz quando fugiu da sala de Ames Garrett, não pela primeira vez.

## Transcrição de depoimento

26 DE ABRIL

Sra. Sharpe: Diga seu nome, por favor.

Ré 1: Sloane Glover.

Sra. Sharpe: Qual é sua profissão, sra. Glover?

Ré 1: Trabalho como advogada na Truviv. Meu cargo formal é vice-presidente sênior de assuntos jurídicos na América do Norte.

Sra. Sharpe: Há quanto tempo trabalha na Truviv?

Ré 1: Treze anos.

Sra. Sharpe: É bastante tempo. Mais do que a maioria das pessoas costuma permanecer em um emprego, imagino. O que a manteve na Truviv por tantos anos?

Ré 1: Eu ocupo um cargo muito cobiçado. Cargos corporativos na área jurídica, especialmente os com bons salários, são difíceis de encontrar. A Truviv é uma empresa muito conhecida. Muita gente seria capaz de matar... Desculpe, eu não quis... Muita gente gostaria de ter o meu emprego.

Sra. Sharpe: E como conheceu o sr. Ames Garrett?

Ré 1: Ames fazia parte do grupo que me entrevistou antes de eu sair do escritório Jaxon Brockwell e ir para a Truviv, então acho que foi aí que nos conhecemos.

Sra. Sharpe: Você participou de muitos projetos com o sr. Garrett?

Ré 1: Não até trabalharmos na venda de uma marca subsidiária, acho. Naquela época, ele estava na empresa havia mais ou menos cinco anos. Estava organizando o material da auditoria jurídica a ser enviado para o advogado da outra parte, e eu o assessorei.

Sra. Sharpe: E como era a relação entre vocês nessa época?

Ré 1: Boa.

Sra. Sharpe: O que quer dizer com “boa”, sra. Glover?



Ré 1: Eu o considerava inteligente e ambicioso. Ele me ensinou muito sobre a condução de um processo de venda. Nós nos dávamos bem.

Sra. Sharpe: Entendo. E quando começaram a ter um caso?